

8 Conclusões e apontamentos

[...]quando o leitor se rende ao livro em termos do próprio livro. Corresponde ao mais próximo que podemos chegar de ler como criança...

Peter Hunt, 2010

Potência criativa

Através do trabalho de análise realizado para este estudo e da experiência do desenhar a partir da leitura dos livros-ilustrados infantis selecionados, como referido na Introdução da tese, foi possível observar uma **potencialidade estimulada** apresentar-se tanto nas crianças quanto nos adultos investigativos participantes da vivência: a de criar ilustrações. Constatou-se que eles desenhavam, combinando contextualização da narrativa que queriam representar, aliada a histórias vividas e liberdade de expressão. Apresentava-se a oportunidade para indagar *como seria ver a ilustração a partir do leitor; que expressões seriam valorizadas.*

As ilustrações de Roger Mello, por exemplo, fariam parte de um projeto gráfico que carregam, potencialmente, valores éticos e questionam as formas gráficas vigentes na sociedade ocidental. Assim sendo, cabem as reflexões: a obra de Mello incita um olhar crítico de mundo? A ilustração no livro é uma expressão narrativa, referenciada em experiência de vida, em olhar, em mundo e em cotidiano?

Acreditamos que a ilustração em livro-ilustrado infantil brasileiro contemporâneo promove uma aproximação do que seria uma **tradução estética**. Contribui para potencializar a imaginação da criança em fase de alfabetização e letramento. Distingue-se não somente por acrescentar significados ao texto verbal ali apresentado, mas também, e principalmente, por constituir-se um texto lúdico. Tal ludicidade se aproxima das relações concretas e simbólicas do ambiente visual da criança, sendo estas não apenas relações harmônicas, mas também antagônicas, de contraste, de atrito, de sobreposição.

Acertando as arestas

[...]o status de um texto, o que lhe confere “qualidade”, não é mais visto como algo intrínseco, mas simplesmente –ou complexamente – como uma questão de poder do grupo: um texto

é um texto e o modo como o percebemos é uma questão de contexto.

Peter Hunt, 2010

A questão da visualidade no livro-ilustrado infantil brasileiro contemporâneo refere-se à leitura que cada um de seus agentes faz. O Núcleo de Estudos do design na Leitura (NEL) publicou um livro intitulado *Olhares sobre o livro*, 2007, em que se discute o papel dos mediadores-atores no livro. Dentre alguns deles, interessa o ilustrador e fazendo-se uma ponte para considerá-lo um designer, na medida em que trabalha com uma linguagem que é visual, tem preocupação estética e de comunicar, possui uma funcionalidade e um público definido, ao qual ele sabe que se destina o livro e um cliente, a editora, e ainda a linha editorial que ele está seguindo (COELHO, 2010). E da *construção-produção-leitura* do livro, participam também o impressor, o editor, o professor, o produtor, o bibliotecário, a criança etc.

Considerando a multiplicidade de indivíduos envolvidos com o livro, mais especificamente, o livro infantil, e, mais ainda, percebendo a necessidade de uma leitura de imagens mais efetiva para potencializar um discurso estético por parte da criança e de seus mediadores, pensamos em propor um **método de análise** para ler imagens em livros-ilustrados infantis contemporâneos brasileiros, conforme exposto no capítulo 5 desta tese.

No entanto, ao aplicarmos o método sugerido, de maneira coletiva, os alunos o recriaram. Desta forma, o método passou a ser utilizado como um processo que ia se transformando a cada leitura. A leitura, por sua vez, é orgânica e multifacetada. O que aconteceu foi que cada leitor o utilizou como bem pretendeu, re-significando-o.

O método “despertou” potencialidades em cada participante leitor. Ficaram registradas diversas possibilidades de ler, desdobramentos do método, portanto. Pessoas antes não familiarizadas com o discurso visual, mas que ocupam posições fundamentais para a difusão da leitura de imagens na educação infantil e fundamental, encontraram “migalhas”, “estrelas”, para criar caminhos próprios. E “constelações” com relação a como irão se relacionar com cada discurso visual que se depararem daqui por diante. E ainda, como permitirão que crianças e jovens façam o mesmo: trilhem seu próprio caminho, no que chamamos de

Design na Leitura e Leitura no Design

As possibilidades de leitura, expostas no capítulo 5: leitura descritiva (da materialidade do livro), análise plana (da linguagem visual contida nas ilustrações), análise

complexa (do acúmulo das primeiras com a contextualização, por parte do leitor) e do estilo do ilustrador, de fato, permeiam uma a outra, se atravessam.

Para a leitura, a partir de uma sintaxe da linguagem visual, podemos distinguir um leitor iniciado em imagem, o designer, o artista, o filósofo de estética. Entretanto, podemos encontrar um leitor não iniciado em estudos da imagem, que muito nos interessa, e este seu modo de enxergar a linguagem visual em uma ilustração literária a partir do que ele conhece de mundo.

Esta possibilidade de leitura está intimamente ligada à leitura via estilo do ilustrador. O ilustrador dialoga com uma editora, referencia o discurso que irá produzir e constrói um enunciado para o livro. A visualidade pode se modificar, adequando-se ao conceito do objeto, influenciando: a escolha da técnica, do traço e da complexidade da ilustração; o tipo, tamanho e diagramação da letra; a construção da página com seus vazios silenciosos e momentos “tagarelas”. E a estrutura física do livro, atuando como um possível fio condutor da leitura.

Os “livros-ilustrados não são regulados pela sequência linear, mas podem orquestrar o movimento dos olhos” (HUNT, 2010, p. 234). Neles “um tipo diferente de visualização está envolvido: o de simultaneidade que temos no cinema” (PULLMAN *apud* HUNT, 2010, p. 233).

Como isto pode se instituir um campo do Design? Respondemos que é já na infância, desde o momento em que se discute o quanto o rompimento com representações formais pode contribuir para a potencialidade e permissão de *leituras visuais*.

O desconforto como parte da mensagem é importante para que pontos-chave dela possam ser tocados. O ponto como desequilíbrio de uma sintaxe visual e aproximação de um universo de discurso particular, participativo, onde o que interessa é o estranhamento ou o reconhecimento do outro, a partir de um enunciado visual.

Angela Lago é uma ilustradora que se inspira na própria sociedade, pelo seu filtro, representa em imagens suas percepções da contemporaneidade. E opina acerca de como a criança se sente, mais do que o adulto, à vontade diante de tais imagens.

Arriscamos afirmar que os ilustradores são aqueles que trazem para o universo infantil experiências mais adequadas ao discurso textual de episódios da História da Arte. Eles contam história, partindo de ilustrações, ideologias e subversões, sem de fato pretender instituir escolaridade formal em Artes. Aproximam a criança do fazer artístico e, mais ainda, do pensar projetualmente, sem que ela precise passar pelas representações realistas para depois subverter.

Isto podemos ver claramente em Roger Mello, cujo trabalho brota de uma proposta participativa com realidades e pessoas com as quais resolve criar suas histórias visuais. E em Eva Furnari, que embora diferentemente, primeiro introduz realisticamente as formas (*Cacoete*), para depois desmontar os enunciados.

Ao afirmarmos que há subversão nas representações, relativamente a um formalismo cultural vigente, acreditamos ser este um olhar, ou permissão, que se dá à criança de ler e recriar, sem que haja o certo e o errado, contidos nas mensagens gráficas. Desta forma, há uma desconstrução formal presente nas ilustrações, que *tira as camadas* de arquétipos da imagem para desvelar a história do texto. A representação gráfica, tanto em *Cacoete* quanto em *Meninos do Mangue*, sai do nível de sintaxe e pode ser percebida a partir de um discurso.

Apresentar tais livros para a criança em fase de pré-alfabetização e, que, portanto está em um momento de descoberta livre do desenho e de como este pode comunicar, estimula sua percepção criativa.

O crescer e a ilustração

Entretanto, em dado momento do desenvolvimento da criança, o livro fica escasso em imagens para ela que já se encontra apta para o letramento verbal e passa a considerar a imagem supérflua, secundária. Então, exercer um olhar crítico sobre uma ilustração será visto como brincadeira, atividade de jardim de infância.

Propomos recuperar um elo perdido, muitas vezes, visto como coisa de criança, que é a *ludicidade* inerente à leitura de ilustrações, também para adolescentes e adultos. Porque, caso isso não ocorra, como um mediador que não está mais familiarizado com a leitura de imagens, por exemplo, um professor de português e literatura, que irá trabalhar o livro em sala de aula, irá valorizar este olhar incisivo sobre a ilustração no livro-ilustrado, traçando-lhe zonas de congruência e divergência com o texto verbal? Como este professor fará um aprofundamento na leitura da ilustração e estimulará um pensamento estético?

Encontrar em um olhar estético de leitura e imagens uma constante atualização e construção, ajuda-nos a configurar um conceito abrangente de Design e sociedade. E o que seria um olhar estético? Um olhar não linear, atemporal como nas Artes, que rompe com padrões formais para questioná-lo (os padrões formais), que estimula a potencialidade crítica de um indivíduo, de maneira interdisciplinar.

Acreditamos que neste solo fértil brasileiro, de origem multicultural, e literário, a ilustração no livro infantil contemporâneo contribui não formalmente para o ensino de artes na escola, a partir do estímulo à leitura das imagens simbólicas que traz em si. Defendemos que a influência modernista e sua releitura brasileira promoveram uma identidade cultural brasileira de caráter expressivo, caricatural e estilístico.

Diante dessas reflexões, cabe a questão: Até que ponto a leitura de ilustrações em livros-ilustrados infantis deveria se expandir, saindo da Educação Infantil e sendo valorizado também na Educação Básica? E nos ensinos fundamental e médio, independente da faixa etária do aluno, na medida em que cada imagem literária carrega potencialidade de representação estética, aplicada a partir do discurso e estilo de um artista-designer: ilustrador?

Os Programas Nacionais de Incentivo à Leitura e as aquisições em grande número pelas escolas incrementaram o mercado editorial de livros infantis e a competitividade influenciou na qualidade estética destes, gerando um avanço nos parques gráficos e possibilitando novas experiências de “expressão” na materialidade dos livros. Desta forma, aspectos morfológicos e sintáticos da linguagem visual passam a ser cada vez mais acionados de maneira tradutora, com intenção de gerar representações que discutam diretamente os discursos a serem potencializado a partir da *leitura de imagens*.

Concluimos que tanto a história literária e ensino de arte no Brasil, quanto as revoluções tecnológicas e características herdadas da literatura infantil brasileira, além do multiculturalismo deste país, contribuíram para o pensamento estético reflexivo, que, por consequência, potencializa questões do Design enquanto disciplina que utiliza a Estética para construir reflexivamente seus projetos. E que, somente por esta abordagem em que sintaxe se contextualiza e assume o ponto de vista do ilustrador e do leitor, gerando uma análise, uma leitura crítica de imagem pode ser atualizada. Por fim, defendemos que a ilustração em livro é um instrumento estético amplamente difundido nas escolas brasileiras e que, por isso, deve ser valorizada e estudada.

Considerando todos os aspectos anteriores, foi proposta uma metodologia, que, como qualquer outra, atenua potencialidade do texto visual por uma face. Mas, por outra, faz evoluir o pensar reflexivo sobre a *leitura de imagens*, tornando-se instrumento para que se obtenham leituras críticas acerca das ilustrações em livro infantil brasileiro contemporâneo. As ilustrações, ao serem postas em “prova” (lidas), promovem um reconhecimento do leitor, a partir do outro (neste caso, o texto visual). Desta forma, mitos e

estereótipos ganham nova perspectiva e podem modificar-se ou, mesmo vir abaixo.

Projeto: o lugar do virtual no espaço interpretativo

Portanto, uma pergunta se faz relevante, neste ponto: Há como projetar interação entre o ilustrador e seu leitor? Refletindo sobre isto, supomos que há como ver o reflexo do projeto em uma geração, e projetar para outra, com atualizações. Entretanto, na tentativa de projetar para o futuro, o designer acaba por apresentar o passado. Ou seja, haverá um déficit que se situa em cada interação, quando um designer, ao pensar em projetar para uma geração, estará projetando para a anterior? O lado positivo deste processo é que se está sempre pensando no outro, ou com o outro, para projetar.

Projeta-se um verbo¹, ou seja, um projeto gera produtos e serviços que atendem a uma ação. Mas o verbo não é sempre o espaço do interlocutor? Onde ele se coloca? Desta forma, para projetar interação não é preciso utilizar-se de **vazios da linguagem**, ou seja, sair do repertório convencional de cultura e refletir sobre o objeto projetado, recriando-lhe funções? Ao se projetar uma máquina de lavar, projeta-se lavagem, ao projetar lavagem, vê-se nada mais, senão o **espaço** para se colocar a roupa. Projeta-se fogão e ali está o **espaço** para apoiar as panelas; projeta-se uma casa e ali o **espaço** para o morador se colocar; projeta-se um livro e ali o **espaço** para o leitor pensar. Projeta-se uma ilustração na literatura e ali um espaço para o leitor imaginar. Então, se toda adequação, suposição sobre usuário / leitor/ interlocutor / interator é ficcional, que problema teria um autor literário supor um leitor ideal, pois se este estaria projetando ficção?

Desta forma, o que se deve projetar é a possibilidade de o leitor embarcar na ficção, não a do outro, mas a dele próprio. Então o Design, ao criar ficção, não cria algo fixo e discriminado, mas cria **virtualidades** passíveis de serem atualizadas a partir do interator seguinte.

Assim, ao assumirmos nosso caráter ficcional de prever as coisas, prever a realidade a ser constituída, então, é justo afirmar que a **literatura tem um espaço fundamental para o Design**, visto que potencializa ou coloca em xeque, através do ficcional, nossas crenças. E potencializa novas fantasias, necessárias para erguer nossa realidade ilusória e instantânea.

Esta concepção de ilustração levanta a hipótese de que o conhecimento, apesar de ser construído e reconstruído, não é absoluto e precisa ser atualizado. A identidade cultural na pós-modernidade enxerga um sujeito fragmentado, composto por diversas identidades, algumas vezes contraditórias ou não

¹ Sentença utilizada pela professora Jackeline Farbiarz em disciplina de pós-graduação em Design na PUC-Rio, em 2011.

resolvidas, sendo que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2003, p.12).

Apesar de se atentar para um caráter revolucionário do universo literário ficcional, o raciocínio ainda é considerado privilégio das línguas estratificadas e das ciências, principalmente, “as chamadas exatas”.

As ciências humanas reivindicam um espaço na expectativa de preencher lacunas do processo reflexivo do pensamento humano. Segundo Darras (2006) professores franceses de literatura dão atenção a um aspecto das artes visuais, a ilustração em livro infantil. Em escolas brasileiras acontece o mesmo. A imagem se tornou importante, pois os teóricos da língua perceberam que ela contribuiria para potencializar o texto verbal, mas de fato, com a prática, percebeu-se também a autoria dos ilustradores e a textualidade das ilustrações. Desta forma, atentamos para um aspecto do Design que pode ser pivô de uma reflexão sobre o cotidiano, representado em imagens na literatura. E estímulo para textos visuais com preocupações menos formais e mais expressivos e contextualizados a partir de experiências do olhar, do entorno.